

**Percepções empreendedoras em tempos de crise:
olhares dos discentes do curso subsequente em
edificações - IFS *campus* Lagarto/SE**

**Entrepreneurial perception in times of crisis:
students views the of the subsequent construction
course - IFS *campus* Lagarto/SE**

**Percepciones de la formación para el
emprendimiento en tiempos de crisis: miradas de los
estudiantes del curso subsiguiente en edificaciones -
IFS *campus* Lagarto/SE**

Rosana R. Siqueira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), Lagarto/SE - Brasil

Bruno dos S. Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), Lagarto/SE - Brasil

Tiffany Brunelly F. Sacramento

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), Lagarto/SE - Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar a autopercepção dos discentes do 4º período do curso de edificações, do IFS *Campus* Lagarto/SE, sobre características pessoais que possam fomentar atitudes empreendedoras, aproveitando conhecimento e práticas desenvolvidas no curso. A pesquisa surgiu da observação do quanto o “temor da crise” afeta a motivação dos discentes em relação às oportunidades para empreender. Trata-se de um estudo bibliográfico e de campo, do qual participaram turmas do 4º período do curso. Após a análise dos dados, percebeu-se que os discentes necessitam de maior fomento para desenvolver o hábito do planejamento em médio e longo prazos, que possibilite a autopercepção sobre oportunidades e desenvolvimento de carreiras, durante sua trajetória formativa - visando ao maior aproveitamento dos conteúdos -, e não apenas por ocasião do término do curso.

Palavras-Chave: Visão empreendedora, Curso de edificações, Temor da crise financeira

Abstract

This paper aims to present a self-perception from the fourth semester students from the construction technician course of the IFS *Campus* Lagarto/SE on personal characteristics that might encourage entrepreneurial attitudes, taking advantage of the knowledge and practices developed in this course. This

research comes from the observation of how much the "fear of the crisis" affects the students' motivation on opportunities to undertake. This study is a bibliographic and field one with the 4th semester students. After an analysis of the data it was noticed that the students need more incentives to develop the habit of planning in medium and long periods what allows a self-perception about opportunities and career development during their formative trajectory aiming a better use of the contents and not only at the end of the technician course.

Keywords: Entrepreneurial vision, Construction Course, Fear of financial crisis

Resumen

Este presente artículo tiene por objetivo presentar la autopercepción de los estudiantes del 4^o periodo del Curso Edificaciones del IFS Campus Lagarto / SE, sobre las características personales que puedan fomentar actitudes emprendedoras que aprovechen conocimientos y prácticas desarrolladas en el curso. La investigación surgió de la observación de cómo el "temor a la crisis" afecta a la motivación de los estudiantes a las oportunidades para emprender. Se trata de un estudio bibliográfico y de campo, en el que participan grupos del cuarto período del curso. Tras el análisis de los datos, se observó que los estudiantes necesitan más estímulo para desarrollar la planificación a medio y largo plazos que permita la autopercepción de oportunidades y desarrollo de carreras durante su trayectoria formativa dirigida a una mejor utilización de los contenidos y no sólo en el momento de la finalización del curso.

Palabras clave: Visión emprendedora, Curso de Edificaciones, Temor a la crisis financiera.

Introdução

A educação empreendedora no Brasil ainda é um grande desafio, considerando que as instituições educacionais possuem variados problemas, como o corte de recursos, evasão escolar, necessidade de melhor estrutura física e recursos humanos, até desafios mais profundos e emergentes, como a mudança de paradigmas que não respondem mais aos contextos de complexidade.

O empreendedorismo está relacionado aos processos de criação e inovação, nos quais pessoas dedicam tempo, esforços e recursos, assumindo riscos, com o intuito de obter recompensas econômicas e sociais (*status*, realização pessoal), advindas do novo empreendimento.

Empreender não significa apenas a ação prática de criar um negócio. Atualmente, engloba uma filosofia de vida proativa, na qual pode ser desenvolvida, inclusive para quem trabalha em uma organização (intraempreendedor).

No Brasil, o empreendedorismo começou a ser amplamente divulgado, na década de 1990, embora, no século XVIII, pioneiros como R. Cantillon e Say já esboçassem conceitos voltados ao desenvolvimento do empreendedorismo.

J. Schumpeter⁴ explica que o empreendedor é uma pessoa capaz de converter uma ideia em inovação e oportunidades, por meio de processos de “destruição criativa” de velhos paradigmas. Para Peter Ducker (1987, p.39), “a inovação é o instrumento específico do espírito empreendedor”.

A motivação empreendedora pode ser variada, desde o reconhecimento de uma oportunidade, até casos de necessidade (geração de renda), por conta da perda do emprego, aposentadoria ou mesmo a busca de uma nova razão para viver ou fazer o que realmente gosta.

O empreendedor não é um “super-herói”, mas algumas características lhe são atribuídas como: perseverança, criatividade, inovação, proatividade, comprometimento e capacidade em assumir riscos, o que se assemelha ao conceito de empresário.

Segundo informações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), de modo geral, considera-se empresário quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para produção ou circulação de mercadorias e serviços. O empreendedor não precisa abrir um negócio, mas pode criar inovações viáveis no âmbito de sua área de atuação. De acordo com Greco (2010), o empreendedorismo está presente também nas escolas e universidades, nas disciplinas e no fomento as incubadoras e empresas júnior.

[...] boas ideias de produtos são aquelas que, em vez de serem orientadas para o produto, são dirigidas para as necessidades dos consumidores. Produtos que provêm de desenvolvimento científico, mas que não respondem a uma necessidade por parte dos consumidores estão fadados ao insucesso. (GRECO, 2010, p. 118).

Dessa forma, configura-se como um fecundo âmbito de estudo que alinha as demandas do mercado a um novo panorama de desenvolvimento pessoal e socioeconômico.

⁴ Joseph Schumpeter (1883 - 1950) foi um renomado economista e pensador. Considerava as inovações tecnológicas e a destruição criativa dos paradigmas como grandes fatores para o desenvolvimento.

No bojo das premissas de Edgar Morin (2000), nota-se a necessidade de refletir e agir acerca dos paradigmas da simplificação e complexidade. Nesse contexto, é possível encontrar, em algumas instituições, matrizes curriculares com a disciplina empreendedorismo em nível médio-técnico, mas poucos são os exemplos de engajamento em torno de projetos de médio e longo prazo.

Um ponto negativo se refere à atenção excessiva de algumas instituições na preparação do discente para o vestibular (no caso do ensino médio integrado) e para o mercado de trabalho (no caso do ensino superior e técnico subsequente), uma vez que são constantemente avaliadas pelos comparativos de alcance de metas e indicadores. As avaliações quantitativas, por vezes, se sobrepõem às avaliações qualitativas (aquelas que exigem reflexão sobre os fins e os meios e os processos em que estamos inseridos).

Dolabela (2008, p.35) comenta que “Os valores do nosso ensino não sinalizam para o empreendedorismo, estando voltados, em todos os níveis para a formação de profissionais que irão buscar emprego no mercado de trabalho”. Nesse sentido, alguns dos maiores desafios são: promover a educação empreendedora contínua, mediante o aumento da capacitação e da inovação, e reduzir a informalidade no mercado de trabalho.

Existe pouco tempo na apertada matriz curricular para refletir epistemologicamente se o caminho que os discentes estão percorrendo condiz com pressupostos de formação humanista e profissional, em termos de conhecimento, habilidades e atitudes, o que converge para o sentido de “competência”. Competência para empreender.

Em meio à carência de profissionais capacitados para fomentar a educação empreendedora nas escolas, ocorre a situação de algum servidor (professor ou administrativo) acreditar no empreendedorismo como fator de mudança pessoal, social, econômica e cultural e “levantar a bandeira”, na tentativa de sensibilizar seus pares, alunos e a comunidade.

O sujeito motivado busca, dentre os meandros da burocracia e dos diversos problemas que vivemos na contemporaneidade, soluções para continuar em quem sabe, sensibilizar mais pessoas que poderão multiplicar experiências e conteúdos, que poderão dar bons frutos. Alguns acham tudo muito “trabalhoso” e se cansam antes mesmo de iniciar.

Vivem-se tempos de imediatismo. Percebe-se inclusive a dificuldade da maioria das pessoas em refletir e avaliar as experiências que não foram por completo exitosas como aprendizado útil, no tocante a novos empreendimentos. É difícil o entendimento do empreendedorismo como processo de mudança de postura pessoal, reflexão, ação e avaliação constante.

Ronald Jean Degen, pioneiro do ensino de empreendedorismo no Brasil (ainda na década de 1980) é autor dos livros *O empreendedor – fundamentos da iniciativa empresarial* e *O empreendedor – empreender como opção de carreira*. O autor comenta a carência da abordagem do empreendedorismo como tema transversal, em diversos cursos, e não somente nos cursos de administração.

Uma das deficiências é que no Brasil os cursos de empreendedorismo fazem parte da grade das escolas de administração. Por isso, os cursos de empreendedorismo se transformaram em cursos de planos de negócios. Mas fazer um plano de negócios não é montar um negócio. O que eu proponho é a criação de um centro aberto de empreendedorismo, em que não importa se o sujeito já se formou ou não. O ideal é que você atraia todas as especialidades e que eles se juntem para criar negócios. (<http://exame.abril.com.br/pme/universitario-melhor-empreendedor-557261/>. Acesso em: 15 de fev. 2017)

Para Ronald Degen, o professor precisa ser um facilitador, um *coach*

Ele tem que ser um *coach*, alguém que ajuda quem quer ser empreendedor. O professor não precisa de diploma, o certificado dele é um negócio de sucesso. Ele precisa ajudar o aluno a descobrir o que gosta e se está disposto a seguir o estilo de vida que o negócio exige. Além disso, tem que trazer para a escola alguns mentores, o que chamamos de investidores-anjos, que são executivos interessados em investir nestes empreendimentos. (<http://exame.abril.com.br/pme/universitario-melhor-empreendedor-557261/>. Acesso em: 15 de fev. 2017)

No bojo das palavras de Degen, o professor deve “ajudar quem quer ser empreendedor”, mas, por vezes, fazem-se necessárias abordagens que fomentem a reflexão do discente sobre a potencialidade de ser empreendedor, visto que, para Mendes e Zaiden Filho (2012, p.56), “o segredo do sucesso também está na sua capacidade de enxergar as oportunidades em vez dos obstáculos”.

A educação empreendedora busca, através de novas metodologias, propiciar a reflexão dos discentes, por meio de abordagens autoperceptivas,

para a identificação de pontos fortes e fracos, ameaças e oportunidades, alinhamento de missão, valores e metas que possam auxiliar os discentes no desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes inerentes ao empreendedor. Nesse contexto, um ambiente de crise política e econômica, impacta a motivação dos discentes, tanto em relação ao mercado de trabalho, quanto à possibilidade de inovar ou criar um negócio.

Para além da conotação tão negativa que se costuma associar à “crise”, sua etimologia mostra seu autêntico significado. O ideograma chinês que ilustra esta palavra – “crise” – é formado por dois ideogramas: um significa “perigo” e o outro, “oportunidade”. Ao mesmo tempo, deriva do vocábulo grego *krisis*, que vem do verbo *krinein*, que quer dizer “julgar” e “decidir”. Este verbo também deu lugar a substantivos como “crítica” e “critério”. Assim, a crise pode ser definida como um momento decisivo dentro de qualquer processo individual ou coletivo, tanto psicológico como econômico. No fundo, é um convite para fazer uma pausa e refletir sobre o rumo que nossa existência está tomando. (http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/31/economia/1441032441_098096.html. Acesso em: 15 de fev. 2017)

Percebe-se a necessidade de reverter o estigma atrelado à crise, que limita as potencialidades dos discentes. A educação empreendedora surge, então, como um dos possíveis caminhos para fomentar o desenvolvimento, tanto dos discentes, quanto de suas localidades.

Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico e de campo, do qual participaram turmas do 4º período do curso, por enfrentarem pressões para atingir rapidamente o êxito na carreira, seja no ingresso à universidade ou em um bom emprego.

A pesquisa tem como objetivo apresentar a autopercepção dos discentes do 4º período do curso de edificações do IFS Campus Lagarto/SE, sobre características pessoais que possam fomentar atitudes empreendedoras, aproveitando conhecimento e práticas desenvolvidas no curso. Pretende-se também observar se a matriz curricular e possíveis atividades extensionistas contemplam abordagens motivadoras para a criação de novos empreendimentos.

Dessa forma, no bojo da valorização da educação empreendedora, o discente, depois de “formado”, não estaria apenas preparado para adentrar em

um emprego público ou na iniciativa privada, mas poderia iniciar seu próprio negócio, na hipótese de vislumbrar oportunidade de negócios.

Foi aplicado o mesmo questionário à turma do 4º ano integrado em edificações. Da turma de 33 discentes, apenas 05 entregaram, o que demonstra desinteresse pelo tema. Assim, essa turma não foi considerada para a pesquisa.

A pesquisa contou com a participação de 16 discentes, sendo que 14 da amostra eram jovens (homens e mulheres com idade entre 20 e 27 anos).

Os instrumentos de coleta de dados foram aplicados entre 15 de dezembro de 2016 e 30 de janeiro de 2017.

Instrumento 01- diagnóstico: Foram elencadas 10 questões abertas, com vistas à obtenção de dados pessoais e informações, a saber:

- Idade, sexo, estado civil, emprego formal;
- O que é empreendedorismo para você? Considera-se uma pessoa empreendedora?
- Cite três qualidades e aspectos que poderia melhorar?
- Em sua opinião, o empreendedor já nasce com o “dom” ou podem se tornar empreendedores?
- Você gostaria de empreender? Em qual ramo?
- Você estabelece ligação entre o curso de edificações e as oportunidades de negócio?
- Conhece algum empreendedor de sucesso?
- Possui contatos ou colaboradores para auxiliar em um empreendimento?
- Que cursos gostariam fazer para desenvolver mais habilidades empreendedoras?

Instrumento 02: Empreendedorismo em tempos de crise. Optou-se por questões abertas que norteiam a análise SWOT (matriz fofa) pessoal dos discentes, além da missão, visão, valores e metas.

- Foram perguntados ainda os aspectos que os alunos acreditam que colaboram (de forma positiva ou negativa) com a sociedade e se aproveitam o “espaço escola” para traçar a trajetória do seu sucesso.

Após a coleta, pôde-se realizar a tabulação e análise dos dados.

Resultados e discussões

No IFS *campus* Lagarto, o Projeto Pedagógico do Curso (2013), nas modalidades concomitante (junto com o ensino médio ofertado pela rede estadual e municipal), médio integrado e subsequente, apresenta-se no eixo infraestrutura e não contempla abordagem sobre o tema empreendedorismo em sua matriz curricular. As competências a serem desenvolvidas nos cursos também não preveem o desenvolvimento de características empreendedoras.

Dentre os participantes, 56,25% estão na faixa etária entre 20 e 22 anos, na maioria, mulheres (43,75%).

Percebe-se, no cotidiano da instituição, que o curso de edificações na modalidade integrada ao ensino médio tem um perfil de discentes diferenciado dos ingressantes da modalidade subsequente. Geralmente, o integrado recebe adolescentes na faixa de 13 a 15 anos, que buscam boa qualidade de ensino, com foco no ingresso posterior em uma universidade pública, considerando a atual política de cotas, além de a maioria não possuir renda própria, o que configura certa dependência dos pais. O mercado de trabalho e o exercício da profissão de técnicos em edificações não é a prioridade desses jovens.

Os ingressantes dos cursos subsequentes já adentram a instituição com nível médio concluído. A faixa etária varia bastante, principalmente, no turno da noite, em que há tanto pessoas que almejam um emprego, quanto aqueles que trabalham em outras funções e desejam ter outras oportunidades no mercado. Nesse sentido, é expressivo o percentual de estudantes fora do mercado formal de trabalho 62,50%.

A percepção geral do empreendedorismo advém da criação de soluções, empresas e negócios (56,25%) e também do investimento de montantes empregados em alguma coisa “vendável” (12,25%), esquecendo oportunidades relacionadas no âmbito dos serviços.

Cerca de 37,50% dos entrevistados se autoperceberam como pessoas “não empreendedoras”:

Não [me considero empreendedor], me dou mal nos negócios.

Não tenho habilidade com negócios.

Não [me considero empreendedor] preciso me qualificar mais.

Entretanto, 18,75% uniram a ideia de estar estudando a um esforço de progredir e crescer profissionalmente. Deve-se destacar também os discentes que citaram boas ideias, mas que não conseguem colocá-las em prática, e aqueles que nunca refletiram se poderiam ou não desenvolver algum negócio inovador.

Quando questionados se o empreendedor possui algum tipo de “dom” que o torne mais habilidoso no ramo dos negócios, 25% dos discentes responderam que qualquer pessoa poderia se tornar empreendedor se estivesse motivada e disposta a buscar novos conhecimentos. Já para 18,75%, os empreendedores nascem com uma “espécie de dom especial”, enquanto 18,75% citaram que alguns empreendedores nascem com o “dom” e outros aprendem na prática (tentativa - acerto e erro) ou buscam conhecimentos.

Em relação ao curso de edificações e as oportunidades de negócios, 37,50% correlacionaram os conhecimentos e práticas do curso a oportunidades de negócio, embora não tenham demonstrado interesse em transformar essas oportunidades em um projeto de negócios.

O quadro 01 apresenta algumas das áreas de interesse citadas pelos participantes.

Quadro 01- Áreas de interesse citadas pelos participantes

Gostaria de empreender?	Área	Tem ligação ou não com o curso?
SIM	Maquiagem	Não tem ligação com o curso de edificações
	Agropecuária	
	Topografia	Tem ligação com o curso de edificações
	Área de administração de obras	
	Área de construção civil	
TALVEZ	Documentação e registro de obras	Tem ligação com o curso de edificações
	Área de projetos	
NÃO	Ramo de serviços	Não explicou
	Não possuem interesse em empreender	

Notícias relacionadas aos efeitos da “crise” que atualmente impacta a economia brasileira repercutem na motivação dos educandos, visto que 62,50% se sentem atingidos pela falta de emprego, aumento dos preços e outros aspectos. Igual percentual afirmou que a crise não afeta a todos da mesma forma, e que certos ramos de negócios podem apresentar crescimento. Um participante inclusive citou a “crise” como ameaça e oportunidade em sua matriz SWOT (Figura 01).

Figura 01- Matriz SWOT- FOFA



Fonte: www.google.com.br. Acesso em: 17 de Fev. 2017

Dentre os aspectos positivos (forças) citados pelos estudantes, estão a sinceridade e honestidade. E como aspectos a melhorar (negativos/fraquezas), destacaram ter mais paciência (31,35%), timidez, falar menos, habilidade, desafiar a si mesmo, ser otimista (6,25%). Entre os fatores externos, a falta de emprego e a renda foram a maior ameaça. Em relação as oportunidades, concluir o curso e conseguir um trabalho foram os aspectos mais destacados.

Conclusão

Diante do exposto, nota-se a necessidade de buscar novas metodologias e abordagens autoperceptivas, que fomentem nos jovens questionamentos sobre o empreendedorismo e suas carreiras. Dessa forma, os jovens poderão analisar suas visões e valores em contextos situacionais.

A autopercepção dos discentes do 4º período do curso de edificações do IFS *Campus* Lagarto/SE, sobre características pessoais que possam fomentar

atitudes empreendedoras aproveitando conhecimento e práticas desenvolvidas no curso, revelam que poucos discentes planejam em médio prazo, ou focam em apenas uma estratégia, cuja noção de etapas a serem cumpridas ainda é incipiente.

Caso algum fator impossibilite o alcance de uma dessas metas, a exemplo de contingências relacionadas à “crise” (como o aumento do desemprego), os alunos que logo irão concluir o curso poderão apresentar quadros de inércia, considerando que a criação de um negócio não foi citada como oportunidade para maioria dos entrevistados.

Embora tenham apresentado suas missões, visões e valores, boa parte dos participantes apresenta dissonâncias entre seus sonhos, o curso que estão fazendo, aonde e como buscar novas oportunidades. É nesse contexto que o alarde midiático da crise tem peso preponderante na desmotivação dos educandos, em relação ao planejamento de suas carreiras. A maioria indicou que poderia ter aproveitado melhor o “espaço escola” para traçar suas trajetórias de sucesso, participando de eventos, palestras e outras atividades extensionistas que ocorreram durante a sua permanência no IFS, uma vez que a instituição oferece bolsas de Iniciação Científica e outras oportunidades.

Quanto à matriz curricular e possíveis atividades extensionistas, sabe-se que elas contemplam abordagens motivadoras para a criação de novos empreendimentos, todavia, percebe-se que o projeto pedagógico do curso não possui disciplinas direcionadas para o desenvolvimento de posturas empreendedoras, inovação e criação de novos negócios.

Nota-se que alguns docentes se esforçam para tratar do tema empreendedorismo de forma transversal em algumas disciplinas, mas a falta de capacitação também se configura como um fator limitador. Nesse sentido, as instituições educacionais precisam estar consonantes com os desafios de colaborar com as trajetórias de formação humanística, pautadas no desenvolvimento de competências e habilidades, ao mesmo tempo em que preparam também para o mercado de trabalho e para a criação de novos empreendimentos, não só aproveitando o conhecimento de cursos no eixo de gestão, mas em uma maior amplitude de cursos e modalidades.

Referências bibliográficas

BARON, R. A. et al. *Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

CORRÊA, H., et. al. *Planejamento, programação e controle da produção: MRP II/ERP: conceitos, uso e implantação*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

_____. *O segredo de Luísa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DUCKER, P. *Inovação e espírito empreendedor*. São Paulo: Editora Thompson Learning, 1987.

GRECO, Simara M. de Souza; et. al. *Empreendedorismo no Brasil: 2010*. Curitiba: IBQP, 2010. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/livro_gem_2010.pdf. Acesso em: 19 de abr. 2017.

LOPES, Rose M.(Org.). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

MAXIMIANO, Antônio C. A. *Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MENDES, Jerônimo; ZAIDEN FILHO, I. *Empreendedorismo para jovens: ferramentas, exemplos reais e exercícios para alinha a sua vocação ao seu projeto de vida*. São Paulo: atlas, 2012.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

SCHUMPETER, Joseph. *Can capitalism survive?* 1952. Disponível em: <http://sites.middlebury.edu/econ0450f10/files/2010/08/schumpeter.pdf>. Acesso em: 16 de fev. 2017.